

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

WALDON VOLPICELI ALVES

**“O CONCEITO STALINISTA DE
HISTÓRIA NO INTERIOR DO
MARXISMO”**

Agosto/1999

1.457

S. 9
(c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

WALDON VOLPICELI ALVES

“O CONCEITO STALINISTA DE HISTÓRIA NO INTERIOR
DO MARXISMO”

MONOGRAFIA
APRESENTADA COMO
EXIGÊNCIA PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO
BACHARELADO EM
HISTÓRIA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE UBERLÂNDIA, SOB A
ORIENTAÇÃO DA
PROFESSORA MARIA DE
FÁTIMA RAMOS ALMEIDA.

Agosto/1999

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
PARTE 1 AS TEORIAS DA HISTÓRIA	7
PARTE 2 O MATERIALISMO HISTÓRICO	11
PARTE 3 A CONCEPÇÃO STALINISTA DE HISTÓRIA	18
PARTE 4 A FASCINAÇÃO INCONSCIENTE DO STALINISMO	24
PARTE 5 A GLORIFICAÇÃO DOS HERÓIS DE ESQUERDA E DE SUAS SOCIEDADES	26
PARTE 6 O MARXISMO HOJE	30
CONCLUSÃO	40
BIBLIOGRAFIA	41

INTRODUÇÃO

O materialismo histórico é um dos vários métodos de análise, não só da história como da própria sociedade. Ele pretende ser científico e objetivo. Neste trabalho será mostrado que ele, ao longo dos anos se transformou, graças ao stalinismo, em uma doutrina que prejudicou o próprio materialismo histórico. Mostrarei também as falhas deste mesmo stalinismo que transformou em uma quase religião o marxismo e o que ele pode fazer para escapar a esta doutrinação a que foi submetido.

Serão analisados resumidamente, em primeiro lugar, as diversas teorias da história oriundas a partir do século XIX, em especial o materialismo histórico. Depois será analisado, comparando-o com o conceito marxiano de história, a concepção de história defendida e divulgada por Stalin. A fascinação que o stalinismo exerceu inconscientemente entre os comunistas e os resultados dela serão também mostradas, bem como o marxismo nos dias atuais e as filosofias da história em geral.

Este trabalho pretende desenvolver a crítica aos conceitos evolutivos de história que dão a ela um sentido. De grande importância atualmente, apesar

de muitos afirmarem que o marxismo está ultrapassado, a análise do pensamento marxista é relevante nos dias atuais. Sua relevância está no fato de que suas teorias a respeito da evolução do capitalismo estão mais atuais do que nunca. Infelizmente ele foi deturpado em sua análise da sociedade, transformado em dogma por alguns, coisa que o próprio Marx não pretendia que ocorresse.

Antes de se iniciar a leitura deste trabalho devemos chamar a atenção para o fato de que a análise de Stalin a respeito do marxismo é só uma em várias. Não é objetivo deste trabalho analisar as diversas correntes do pensamento marxista, mas unicamente a influência e o modo como o stalinismo interferiu no marxismo.

PARTE I

AS TEORIAS DA HISTÓRIA

Desde a mais tenra antigüidade os homens escrevem história. Normalmente não possuíam um método de investigação da verdade. Ela era sobretudo vinculada ao sobrenatural e não possuía uma definição de tempo, nem da data em que ocorreu determinado fato narrado. Possuir uma filosofia da história, cientificamente falando, nem pensar. Ela era, sobretudo, baseada em mitos. Na Grécia Antiga o estudo da história, desvinculado do sobrenatural, representou um grande avanço. A história grega pertencia aos homens, não aos deuses. Essa secularização da história se deu principalmente através da ação de Heródoto e Tucídides, mas a história grega não possuía muita crítica e era, em sua base, narrativa. Mesmo porque os historiadores gregos não acreditavam, ou não idealizaram um sentido para a história e sua “evolução”. Para eles o registro histórico servia somente para fazer com que os homens não se esquecessem do que ocorreu.¹

Escrever história não foi somente privilégio dos gregos. A própria Bíblia possui em suas páginas uma parte, diga-se de passagem importante, da história da

humanidade. Mas seus escritores não tinham um método científico a seguir, mesmo porque a Bíblia não pretende ser um compêndio de ciência. As filosofias da história são fenômenos do século XIX.

Segundo Paulo Chiratelli Júnior², uma concepção de história, qualquer que seja ela, está ligada a uma determinada concepção de verdade. É preciso que tenhamos isto em mente se quisermos entender as diferentes análises historiográficas em especial o marxismo. A metodologia não científica, para se interpretar e buscar a verdade na história prevaleceu na Idade Antiga e Medieval, quando o desenvolvimento científico nesta área praticamente não existia. Os gregos romperam, conforme frisado acima, com a visão teológica da história, mas sua história era escrita apenas em caráter narrativo.

Ainda segundo Paulo Chiratelli entre os filósofos e historiadores contemporâneos vem prevalecendo diferentes concepções historiográficas de interpretação da realidade. Ele as englobou em quatro descrições principais que serão apresentadas resumidamente. A primeira delas é a concepção linear de história, ou evolutiva. Segundo tal perspectiva a história da humanidade vai caminhando em uma sucessão cronológica harmônica. Para os adeptos desta concepção os fatos ocorridos na humanidade levarão os seres humanos ao seu aperfeiçoamento contínuo sem lutas bruscas ou

¹ SILVA, Francisco de Assis. *História Geral, Volume I*, São Paulo, Moderna, 1991.

² JÚNIOR, Paulo Chiratelli. *Pedagogia*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

rupturas sangrentas. O positivismo é o grande porta-voz desta visão de história.

A segunda é a concepção circular de história. Ela prega que o desenrolar da história não se dá evolutivamente, mas sim em círculos, ou seja, os fatos do presente nada tem de original, repetindo muitas vezes o passado. Os adeptos desta concepção renegam conceitos como ruptura revolucionária ou mudanças bruscas de uma determinada sociedade.

A terceira concepção é a da ascensão e queda dos impérios e civilizações. Segundo tal interpretação da realidade histórica as civilizações têm o seu período inicial de crescimento e grandeza, de declínio e de queda. A história se resume à ascensão e queda dos reinos e civilizações. A teoria hegeliana de interpretação histórica, é o grande porta-voz desta concepção.

A quarta é a concepção historiográfica em ziguezague. Esta concepção considera o progresso partindo de uma sucessão de avanços e recuos da humanidade, principalmente no que diz respeito à luta de classes. Quando os trabalhadores, ou servos, ou escravos que seja obtêm conquistas, a sociedade avança. Quando as conquistas dos dominados são destruídas ou semidestruídas, então entende-se que houve um recuo na história. O marxismo é o porta-voz máximo desta concepção.

As duas primeiras concepções de interpretação histórica (a linear e a circular) são extremamente conservadoras. A primeira argumenta que a

civilização caminha para o progresso e que ele é predeterminado. Os povos que atingiriam primeiro este progresso só precisariam levá-lo a quem não o possuísse. Renegando a revolução como uma forma de progresso, o positivismo, o porta-voz desta concepção, prega que é a harmonia que trará o futuro, harmonia entre a sociedade e os seus membros, dominados e dominadores. A concepção circular também tende a ser conservadora. Seus adeptos adiantam que a história se repete e que não adianta se esforçar para mudá-la, não existe ruptura. Portanto caem em um singelo pessimismo.

A terceira concepção - a da ascensão e queda das civilizações - é também conservadora em extremo. É a que costumou prevalecer nos regimes totalitários de direita ou de esquerda. Para eles sua raça, país, partido ou religião são predestinados a levar a humanidade ao desenvolvimento. Interpretando porque as civilizações caem, acham que podem evitar isto. O nazismo acreditava, por exemplo, que as civilizações despencavam porque perdiam a pureza de seu sangue. Se isto não acontecesse com a Alemanha ela poderia sobreviver. Daí a necessidade de se exterminar as raças ditas inferiores para que o sangue dos alemães não se contaminasse.

A quarta concepção, a do ziguezague, é revolucionária, mas não rompeu com a concepção evolutiva da história, embora tenha o crédito de mostrar as desigualdades na humanidade.

Por que a análise acima? Simples. Todas as

concepções de história mostradas acima, conforme a pequena análise mostrou, levam não ao progresso como elas pregam, mas a uma visão de história doutrinante e perigosa, pois elas normalmente defendem uma verdade, não do que aconteceu no passado, mas de suas próprias filosofias. Estas ditam como devem se portar, baseadas, em parte, no avanço da história, os seres humanos e como agirem em sociedade.

Diferentes filosofias da história, baseadas nos métodos descritos acima, tomaram corpo neste século. Uma delas, que teve grande repercussão e que se mostrou extremamente influente no pensamento marxista é a concepção stalinista da história que será apresentada a seguir.

Antes de divagarmos sobre a influência do stalinismo no pensamento marxista, basicamente em sua análise da história, temos que entender o que é o materialismo histórico segundo a análise marxiana, ou seja, como Marx via a história.

PARTE 2

O MATERIALISMO HISTÓRICO

Entende-se por marxismo o conjunto de doutrinas sociais, políticas e econômicas desenvolvido no século XIX por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Materialistas convictos Marx e Engels não admitiam interpretações religiosas da história e nem de cunho idealista. Para eles os fatos da humanidade e suas transformações só podem ser entendidas partindo das condições reais em que vivem os seres humanos e, partindo delas, a transformação da sociedade deve ser feita.

De acordo com Marx é impossível termos uma compreensão realmente científica das grandes mudanças sociais sem ir à raiz dessas mudanças, quer dizer, sem entendermos as causas econômicas que, na verdade, determinam a história em suas mudanças. Engels diz³ que:

“ a idéia tradicional, à qual Hegel também prestou culto, via no Estado o elemento determinante e na sociedade civil o elemento condicionado por aquele”.

³ HANECKER, M. Os conceitos elementares do materialismo histórico, São Paulo, Global Editora, 1963, p. 235.

Já para o marxismo, ainda segundo Engels:

“ o Estado (regime político), é o elemento subalterno, e a sociedade civil (reino das relações econômicas), o principal”.

Aqui Engels identifica sociedade civil com estrutura econômica e Estado com as superestruturas jurídico-políticas e ideológicas. Esta concepção de movimentação histórica rompeu totalmente com a explicação hegeliana. Hegel afirmava que é o político-ideológico (a consciência de uma época) que determina a sociedade como um todo em todos os seus aspectos. Já em Marx a sociedade se explica pela economia. Seria o econômico o fator determinante do político-ideológico e de toda a sociedade.

Para se entender melhor a interpretação de Marx sobre a história é preciso entender alguns conceitos marxianos. Marx, como foi observado, na verdade, inverteu a concepção de Hegel. Esta foi sua grande originalidade. Ele via a sociedade organizada de uma maneira diversa. A totalidade social só pode ser conhecida estudando o conceito de Modo de Produção que é uma estrutura social composta por três estruturas regionais: econômica, ideológica e

jurídico-política. Cada uma destas estruturas tem uma existência relativamente independente uma da outra, mas todas elas são determinadas, em última instância, pela estrutura econômica de qualquer sociedade. No entanto é errado achar que os níveis da superestrutura são simples expressão do econômico. Ele só o determina em última instância.

O fio condutor da análise marxiana sobre a origem e o funcionamento da sociedade capitalista é o materialismo histórico. Vimos anteriormente, na rápida análise sobre modos de produção que tudo na sociedade é determinado em última instância pelo econômico. A teoria marxista da história vê o movimento do mesmo como uma sucessão descontínua de diferentes modos de produção. Modos de produção construídos na realidade concreta dos seres humanos.

Para Marx são os homens, em suas condições reais de vida, que fazem a história se mover. São os homens que fazem a história, mas a fazem sob condições bem determinadas. As ações dos homens que aparecem como variadas e de sistematização difícil foram generalizadas pelo marxismo e relacionadas com as ações de grupos de indivíduos que diferem entre si pelo lugar que ocupam na sociedade. Portanto, a movimentação da história se dá não devido à ação de homens isolados, mas sim de classes sociais inteiras. Os ditos grandes heróis agem, portanto, em um contexto demarcado, ao mesmo tempo, pelas determinações profundas da base

econômica e pela luta de classes. O materialismo histórico não nega o papel do indivíduo na marcha da história. Mas, assim como as causas da luta de classes só tem sentido quando examinadas em função do desenvolvimento das forças produtivas, das relações de produção em todos os seus aspectos a ação individual só pode ser entendida no contexto de determinações mais amplas, a influência da sociedade em sua atuação. É a ação das classes sociais que determina a marcha da história. As pessoas são criaturas das relações de classe. Engels afirma:

“Segundo a teoria marxista, o fator decisivo na história é, afinal de contas, a produção e a reprodução da vida imediata. Mas esta produção de meios de existência, de produtos alimentares, de roupa, de habitação e dos instrumentos necessários para produzir tudo isto; por outro lado, a produção do próprio homem, a continuação da espécie. A ordem social em que vivem os homens, em dada época ou país, é condicionada por estes dois tipos de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, por um lado, e da família, pelo outro. Quanto menos desenvolvido for o trabalho, mais restrita será a quantidade de seus produtos e, conseqüentemente, a riqueza da sociedade – e tanto maior a força com que se manifesta a influência dominante dos laços de parentesco

sobre o regime social.”⁴

Marx sustenta que não é o homem ou os homens em geral que fazem a história se mover, mas as massas, isto é, as forças sociais comprometidas na luta de classes, que para Marx, é o motor da história. Nas sociedades de classes o fator determinante em última instância, na ação dos homens, é a vida material, a economia.

Marx aprendeu com Hegel, através da leitura de seus livros, que na lógica formal a contradição é sempre a manifestação de um defeito. Mas aprendeu também que na vida a contradição desempenha um papel muito diferente do que na lógica formal. Na vida, a contradição é uma realidade. Hegel ensinou que as coisas estão sempre mudando, que a história é essencialmente movimento, que o movimento transformador de todas as coisas faz com que o mundo mude. No entanto esta mudança se dá através do choque dos contrários: a tese se chocando com a antítese e produzindo a síntese.

Marx modificou o método de Hegel. Aplicou-o à análise social da humanidade. E chegou a conclusões altamente inovadoras para a época.

Para Hegel o desenrolar da história se dá como a descida de um rio, passando por várias pontes. Cada

⁴ ENGELS, F. A Origem da família, da propriedade privada e do Estado, In: Obras Escolhidas. São Paulo, Alfa-ômega, p. 126.

ponte é uma fase da história. Para Hegel a continuidade do tempo se fundamenta na continuidade dialética do processo de desenvolvimento do espírito absoluto. A finalidade dos moveis aparentes das ações dos homens na história deve ser buscada no desenvolvimento do Espírito Absoluto, para ele, o mundo das idéias. Existe uma espécie de “alma” na história, que se manifesta de diferentes maneiras nas diferentes fases históricas. Se a história está constituída por um todo homogêneo, todo o problema do historiador reside em cortar esta continuidade segundo a periodização que corresponda à sucessão das diferentes fases do desenvolvimentos das idéias.

Em resumo, são as idéias de uma época que determinam essa época. É na cabeça dos homens, segundo Hegel, que encontraremos a explicação da sociedade.

Para Marx, a sociedade, no capitalismo, por exemplo, apresenta numerosas contradições. A principal delas, aquela que afeta de maneira mais constante e socialmente mais decisiva a existência entre os indivíduos, é a contradição entre o capital e o trabalho, ou, entre burguesia e proletários. E a direção necessária à superação dessa contradição essencial da sociedade capitalista é a ascensão revolucionária do proletariado, que criaria a sociedade socialista.

Marx levou esta idéia para o estudo da história da humanidade e chegou à conclusão de que sempre,

na história humana, a tese se chocava com a antítese e produzia a síntese, ou seja, classes antagônicas se chocam e deste choque surge uma nova sociedade, superior à anterior.

Portanto o choque entre classes antagônicas é que produz o movimento da história e sua luta, ou a luta entre classes contrárias, é que é o motor da história. No Manifesto lemos:

“a história das sociedades até os nossos dias tem sido a história das lutas de classe”.⁵

Segundo Engels:⁶

“ a concepção materialista da história parte do princípio de que a produção e, junto com ela, o intercâmbio de seus produtos, constituem a base de toda a ordem social; que em toda sociedade que se apresenta na história, a distribuição dos produtos e, com ela, a articulação social em classes ou estamentos, orienta-se pelo que se produz e como se produz, assim como pelo modo como se troca o produto. Sendo assim as causas últimas de todas as modificações sociais e as subversões políticas não devem ser buscadas nas cabeças dos homens, em sua crescente compreensão da

⁵ ENGELS F. MARX K. Manifesto do Partido Comunista. In: Obras Escolhidas. São Paulo, Alfa-ômega, 1985, p.21.

⁶ F. Engels. Os conceitos elementares do materialismo histórico. São Paulo, Global Editora, 1983, p. 17.

verdade e da justiça eterna, mas nas transformações dos modos de produção e de intercâmbio; não se há de buscá-las na filosofia, mas na economia da época da qual se trate.”

O apanhado geral acima descrito nos dá uma visão, embora resumida, das diferentes filosofias da história, em especial o marxismo. Seria muito extenso a explicação concreta do materialismo histórico. O pequeno resumo acima nos deu uma visão de como Marx via a história e sua movimentação. No interior do que se convencionou chamar marxismo esta análise da história sofreu sérias deturpações. A principal foi feita por Josef Stalin, ditador da União Soviética, de 1924 a 1953. Quem pensa que ela acabou com a morte do ditador se enganou. É o que será mostrado agora.

PARTE 3

A CONCEPÇÃO STALINISTA DE HISTÓRIA

Muitos marxistas contemporâneos sofreram influência do conceito stalinista de história. Encontramos no texto de Stalin, publicado em 1938, *Sobre el materialismo histórico y el materialismo dialéctico*⁷, as bases de interpretação da história que muitos escritores marxistas usaram, consciente ou inconscientemente. A concepção de Stalin sobre a história da humanidade estabelecia serem cinco os estágios característicos do desenvolvimento histórico: comunidade primitiva, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo. Ele os considerava como “tipos fundamentais de relações de produção”. Era uma lista de etapas que todas as civilizações deveriam atravessar em seu desenvolvimento. Admitiam-se algumas exceções, mas estas não alteravam a regra básica: relacionavam-se à possibilidade de certos povos saltarem uma ou mais etapas sob a influência de sociedades que haviam alcançado etapas superiores.

⁷ STALIN, Josef. “Sobre el materialismo histórico y el materialismo dialéctico, In: *Cuestiones del Leninismo*, Moscou. Ediciones en Lenguas Extranjeras. 1946.

Esta versão do materialismo histórico, consagrada pela III internacional, transformou-se em um tipo de filosofia da história bem ao gosto da filosofia hegeliana(aquela da ascensão e queda; aqui ascensão e queda não das civilizações, mas dos modos de produção). Nesta visão a União Soviética governada por Stalin seria a consagração final da história humana. Seria superior. A pesquisa histórica, graças a este método, transformou-se em ilustração deste tipo consagrado de filosofia da história.

Uma série de fatores fizeram com que coincidissem a realidade e a concepção stalinista de história. O primeiro fator foi que ela reduzia a complexidade dos sistemas econômicos antigos e seus conteúdos dialéticos foram esvaziados. A noção de relações de produção era reduzida à simples noção de relações de exploração, ao se tratar das sociedades de classes; escravidão, servidão e trabalho assalariado, constituíam uma lista tida por completa das formas de exploração, o que fazia com que se identificasse, por exemplo, feudalismo com servidão e etc... Ocasionalmente, afirmava-se que determinado modo de produção, nesta ou naquela fase de sua evolução, favorecia ou freava o desenvolvimento das forças produtivas, estas últimas ficavam ausentes da definição concreta que era dada de cada modo de produção.

Para Marx as relações de produção não podem ser consideradas apenas como relações humanas,

relações entre homens. São relações entre homens que tem uma função determinada na produção de bens, a qual depende da forma como se relacionam com os meios de produção: entre proprietários dos meios de produção e produtores. A relação entre homens passa, portanto, através de uma relação com os objetos: os meios de produção. Este fato não foi levado em conta por Stalin. Além do mais as relações sociais de produção se estabelecem independentemente da vontade dos homens. O empresário não explora o trabalhador por causa de uma maldade maquiavélica. Ele o explora porque se não explorá-lo, morrerá enquanto empresário.⁸

O segundo fator foi que nesta concepção de Stalin houve uma confusão entre os conceitos de modo de produção e de formação econômico-social, ou seja, confundia-se o modelo estabelecido a partir de uma análise que só mantém o essencial de sociedades consideradas de um mesmo tipo, caracterizada pela coexistência de estruturas complexas. As sociedades foram analisadas superficialmente. O conceito marxiano estabelece:

“ Em todas as formas de sociedade, é uma produção determinada e as relações por ela geradas que atribuem a todas as outras produções e às relações por elas geradas

⁸ *IBIDEM*. Os conceitos elementares do materialismo histórico, São Paulo, Global Editora, 1985, p. 238.

seu posto e sua importância.”⁹

Formação econômico-social é uma estrutura complexa, composta de estruturas regionais complexas articuladas a partir da estrutura de relações de produção. O conceito de modo de produção se refere a uma totalidade social abstrata (capitalista, servil, escravista etc.). O conceito de formação econômico-social se refere a uma totalidade social concreta. Esta não é uma combinação de modos de produção, de totalidades sociais abstratas; é uma realidade concreta, historicamente determinada.

O terceiro fator foi que Stalin eliminou as forças produtivas do plano principal de análise dos modos de produção. A dinâmica destas era explicada quase exclusivamente pelas lutas de classe, que nesta análise não tinham vinculação efetiva com o desenvolvimento das forças produtivas das sociedades analisadas. Marx diz que:

“ na produção social de sua vida os homens contraem determinadas relações, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um grau determinado do desenvolvimento das forças produtivas

⁹ *IBIDEM*. Os conceitos elementares do materialismo histórico. São Paulo, Global Editora, 1985, p.239.

materiais...” “ A um certo grau de seu desenvolvimento as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes...”¹⁰

As forças produtivas são, na realidade, as forças que resultam da combinação de elementos do processo de trabalho sob relações de produção de cada época. São os elementos do processo de trabalho considerados do ponto de vista de sua potencialidade. Quando Marx estuda a manufatura, por exemplo, mostra-o como a divisão técnica do trabalho dentro dela e as formas de trabalho coletivo que ali existem, não só aumentam as forças produtivas individuais mas também produzem forças produtivas novas que não se limitam a ser uma simples soma do que ali se combinam. Ela é um melhoramento do artesanato. Portanto a mudança de determinada forma de produção não se dá só pelas lutas de classe como Stalin cria. As forças produtivas de uma determinada época ou região desenvolvem-se, mudam e melhoram no decorrer da história, independentemente das lutas de classe.

O quarto fator foi que este sistema, sendo superficial, possuía uma grande capacidade de se adaptar, em sua análise, a qualquer sociedade. Por exemplo: muitos historiadores e também livros

¹⁰ HÄRTECKES, Os conceitos elementares do materialismo histórico. São Paulo, Global Editora.

didáticos, consideraram as sociedades do antigo Oriente Médio(Babilônia, Assíria, Fenícia, hebraica e outras) como escravistas; de fato tais sociedades apresentavam comunidades rurais que constituíam a força de trabalho essencial, pois a escravidão não tinha grande desenvolvimento. Muitos historiadores explicaram que as relações de trabalho existentes nestas sociedades eram germes da comunidade primitiva que ali se estabeleceu no passado e que elas eram formas de transição ao trabalho escravo, pois as condições geográficas opunham obstáculo ao desenvolvimento pleno do modo de produção escravista.

O quinto e último fator principal foi que a concepção stalinista de história glorificava as sociedades socialistas como as mais perfeitas. Era inevitável que o socialismo triunfasse. Portanto, bem ao gosto de qualquer religião, os marxistas do mundo todo, perseguidos e humilhados, poderiam encontrar nesta concepção forças para continuarem suas lutas pois a sociedade que eles apregoavam viria inevitavelmente, como no juízo final virá a sociedade perfeita, construída por Deus. O socialismo não poderia ser derrotado jamais. Mesmo depois que Stalin faleceu e que seus crimes foram denunciados por Krushev, a União Soviética não abandonou de todo a concepção stalinista da história, nem mesmo muitos marxistas brasileiros e de outros países.

No livro escrito por Francisco de Assis Silva "História Geral" Volumes I e II. vemos um exemplo claro de que a concepção de história criada por Stalin é forte em certos livros didáticos. Neste livro a explicação para o surgimento do feudalismo europeu se dá analisando-se as contradições internas do Império Romano em sua base. O autor aceita que os germanos, por exemplo, contribuíram para o surgimento de certas organizações e modos de relação feudal como o comitatus, o beneficium e etc... Mas os germanos são vistos apenas como parte secundária na construção do feudalismo. O papel da Igreja Católica na construção deste modo de produção nem sequer é mencionado. O leigo entende o surgimento do feudalismo como um avanço estrutural sobre o escravismo romano. Em outros livros didáticos também vemos conceitos como "transição do feudalismo para o capitalismo" e etc... que nada mais são do que uma visão evolucionista, e diria até hegeliana, de história que estes autores tem, ou tinham. Chamar também de feudalismo a organização econômica de sociedades como a civilização Islâmica, japonesa ou chinesa contemporâneas à Europa é também um grande resquício daquela interpretação stalinista. Lembrem-se que muitos chegaram a ver feudalismo no Brasil ao analisarem as Capitanias Hereditárias.¹¹

¹¹ Um exemplo clássico de autor stalinista seria o de Nélson Werneck Sodré, que vê feudalismo no Brasil até os anos 30 em seu livro "Formação Econômica do Brasil".

PARTE 4

A FASCINAÇÃO INCONSCIENTE DO STALINISMO

Deve-se analisar também o porque de a concepção stalinista da história exercer tanto fascínio em muitos historiadores ou pensadores marxistas, mesmo depois de denunciadas as suas falhas. A concepção stalinista de história é totalitária em sua análise e métodos. Ela fascina porque tem em sua característica o encanto que o discurso exerce. Stalin, na verdade, falou o que a maioria dos marxistas quer ouvir, que o socialismo é inevitável. Este tipo de história também não deixa dúvida aparente. Não há discussões. Ele é tão bem estruturado, tão bem articulado que as possíveis contradições somem ou não aparecem com clareza (mostrei isto anteriormente). O discordante é visto como inimigo do povo, ou taxado de burguês pelos que, consciente ou inconscientemente adotaram esta análise da história. Um exemplo claro é o ostracismo com que muitos marxistas trataram os estudos de Max Weber sobre o surgimento do capitalismo que deu uma resposta diferente da dos marxistas. O livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, escrito por Weber, dá uma outra explicação para o surgimento do capitalismo que rompe totalmente com a análise marxiana ou mesmo marxista. Na União

Soviética pós-Stalin este livro, e também outros do mesmo autor, foram proibidos de circular. Os marxistas rejeitaram Weber por puro preconceito. Também sem uma análise prévia as concepções idealistas da história foram abandonadas e criticadas por vários pensadores influenciados pelo marxismo, ou pelo menos, inconscientemente, pela interpretação stalinista da história.

A partir da década de 1950 debates teóricos e metodológicos entre marxistas de muitos países deram início a uma nova fase, muito mais crítica e aberta ao trabalho criador do que a anterior. Os fatores que explicam esta mudança são vários: a ampla circulação de textos de Marx e as divisões teóricas no seio do movimento comunista internacional, debilitando a posição hegemônica e doutrinária da União Soviética, país em que a crítica e a superação do conceito stalinista de história, lançadas em 1956, lograram em um redundante fracasso. A expansão da historiografia e, em geral, das análises marxistas em países muito numerosos e diferentes, de tradições intelectuais e configurações estruturais distintas, levando a focalizações novas, bem como o desafio constituído pelo advento de certas correntes, como o existencialismo, levou muitos marxistas a reverem conceitos e princípios metodológicos que na concepção Stalinista pareciam evidentes, definitivos e sem problemas. No entanto o fascínio da concepção Estalinista de história era grande demais para morrer em meros debates

acadêmicos. A maioria dos partidos de esquerda e seus simpatizantes no mundo todo ainda viam a União Soviética como o modelo de civilização, a que alcançou o topo da história. Mesmo aqueles que criticavam o Stalinismo enxergavam na União Soviética sua inspiração para continuar.

Com o advento da Revolução Cubana em 1959 o marxismo ganhou na América Latina mais fôlego. Muitos livros didáticos, principalmente os escritos nos anos 80 mostram Cuba como o modelo de civilização, aquela que acabou com a pobreza que assolava em seu país. Esta fascinação com Cuba tem um resquício claro da visão que Stalin tinha da história. Cuba é a glorificação deste tipo de filosofia da história porque transformou um país agrário-exportador em que prevalecia a pobreza em um país onde a saúde e a educação lograram êxito. Muitos não viram nestas conquistas uma forma de propaganda soviética, mas da superioridade das sociedades socialistas sobre as capitalistas. Cuba foi, com grande frequência, idealizada pelos marxistas.

PARTE 5

A GLORIFICAÇÃO DOS HERÓIS DE ESQUERDA E DE SUAS SOCIEDADES

Seguindo a linha stalinista de análise da história os escritores de livros históricos, basicamente os didáticos,¹² bem como muitos professores tenderam a fazer a mesma coisa que os positivistas sempre fizeram embora o positivismo para estes historiadores fosse carta fora do baralho em suas interpretações: glorificar os grandes heróis, deixando o indivíduo comum à margem do processo histórico. Fidel Castro, Mao Tsé-Tung e outros são vistos como heróis. É raro um livro de história marxista mostrar deficiências no caráter destes e de outros heróis da esquerda. Che Guevara, por exemplo, é mostrado como o jovem que saiu idealisticamente de Cuba e tentou salvar a América Latina das guerras do imperialismo. Seus crimes cometidos em Cuba foram esquecidos(é sabido que Guevara construiu campos de concentração para homossexuais).¹³ Por que esta idealização? Resquícios de positivismo? Ou resquícios daquela concepção stalinista de história? É preciso lembrar que também as sociedades em que estes “heróis”

¹² Entre os livros didáticos que seguiram o conceito stalinista de história temos: *História Geral* de Francisco de Assis Silva entre outros.

¹³ A afirmação de que Guevara teria construído campos de concentração para homossexuais foi feita por Carlos Castañeda, no programa Roda Viva, TV Cultura.

viviam eram idealizadas em extremo, mostradas como se nenhum defeito tivessem.

Na verdade a idealização de que foram vítimas Che Guevara, Fidel ou Mao são continuações da glorificação das sociedades em que eles viviam e da qual eram líderes. Eram suas sociedades que eram glorificadas não eles. Cuba é um exemplo. É o Davi que venceu o Golias, no caso os EUA. O fato de que sociedades capitalistas e com economias basicamente agrário-exportadoras como Austrália e Nova Zelândia, e que tinham a desvantagem de não receberem generosos subsídios de ninguém, tivessem entre seus habitantes um nível de vida superior ao da industrializada China, não foi considerado nem por um momento pelos historiadores e escritores de livros didáticos. Por acaso algum livro didático mostra a Nova Zelândia como exemplo de sociedade a ser seguida? De jeito nenhum.

Portanto, embora a maioria esmagadora dos comunistas considerassem Stalin um desvio do verdadeiro socialismo não deixaram de usar inconscientemente seus métodos ao analisarem a história, tanto dos países capitalistas quanto dos socialistas.

Na verdade a concepção de história que Stalin defendeu e divulgou se voltou contra ele mesmo. Ele é visto hoje como o grande inimigo do socialismo, aquele que destruiu a verdade revolucionária. Chegaram a chamar o regime econômico que existia na antiga União Soviética de "capitalismo de

Estado". Mas se hoje Stalin é o vilão os outros líderes parecem que não. É claro que seria demasiadamente simplista lançar sobre o stalinismo a culpa integral da desgraça do socialismo, como muitos fazem. Certas distorções vinham de muito antes, como a tentação de transformar os esquemas de evolução de Marx e Engels não em guias científicos, mas em verdades intocáveis. O problema com o stalinismo foi que ele penetrou fundo no subconsciente de muitos marxistas e sua obra, a União Soviética, foi vista como o verdadeiro socialismo instalado.

Essa idealização ou satanização de líderes que são ou não são verdadeiros socialistas e que muitos livros de inspiração esquerdizante mostram levam ao leitor a uma visão totalitária e perigosa de história, pois os inimigos do verdadeiro socialismo (o que eles entendem por verdadeiro socialismo) devem sofrer de uma queimação de efígie toda especial. Na verdade, assim como uma religião mesmo o marxismo dividiu-se em diversas facções, todas elas discordantes entre si, unidas, única e quase que exclusivamente pelo sua oposição ao capitalismo. Os métodos que Stalin empregou para consolidar o socialismo na antiga União Soviética sofriam uma unanimidade em seu julgamento feita pelos escritores marxistas: na perspectiva de uma ética comunista, ele são injustificáveis e condenáveis. Mas este julgamento é apenas formal. Não foi levado em conta a pergunta: era possível

levar a cabo as tarefas postas ao regime soviético sem recorrer àqueles métodos(deportação, matança e etc...)? A resposta a esta pergunta decide, em larga medida, a compreensão do fenómeno stalinista. É claro que se pode criticar a ingenuidade dos escritores marxistas que, fascinados pela Revolução de 1917 desejavam uma revolução perfeita e uma sociedade ideal, mas não se pode esquecer que o choque que a realidade produziu neles foi, efetivamente, traumático. O socialismo hoje já não tem heróis, eles parecem estar encerrados em um passado morto. Muitos dos que faziam a cândida propaganda do “paraíso soviético” viraram, depois que este desapareceu, publicitários do capitalismo, do mundo livre. Se depois do entusiasmo inicial pelo comunismo, latente nos anos 70 e 80, os intelectuais de hoje, em sua maioria, voltaram-se para a simples descrença ou, em casos menos numerosos, tornaram-se inimigos do socialismo, a culpa não cabe a eles e à sua origem de classe: deve-se responsabilizar por isto, igualmente, a mistificação realizada pelo stalinismo e a pressão ideológica das inteligentes manipulações da direita.

O que muita gente esperava era que o socialismo soviético fosse o céu na Terra. Se houve decepção com a queda do comunismo na antiga União Soviética é porque em seus inconscientes a visão de história de Stalin estava forte, embora o “ódio” ao personagem Stalin também estivesse. Seus heróis provaram serem meros seres humanos, cheios de

defeitos. Estes fatos decepcionaram a muitos.

Generalizou-se entre muitos comunistas a noção de que a experiência russa constituía o modelo de revolução capaz de ultrapassar a sociedade capitalista e conduzir, pela via da transição socialista, ao comunismo.

É preciso, desde já, insistir sobre o enorme erro desta concepção: na verdade, não existe nenhuma razão para garantir que qualquer experiência revolucionária tenha valor de modelo. Nem a teoria social de Marx, nem a prática social e política da história contemporânea autorizam idéias deste gênero. Muito ao contrário: tanto a teoria social de Marx quanto os acontecimentos sócio-políticos do nosso tempo aferem os mais fortes elementos para que fique claro que as revoluções jamais se repetem. Lenin disse bem:

“Cremos que para os socialistas russos é particularmente necessário impulsionar independentemente a teoria de Marx, porque geralmente apenas dá os princípios diretivos que se aplicam em particular, à Inglaterra, de um modo diferente que à França; à França de um modo diferente que à Alemanha; à Alemanha de um modo diferente que à Rússia.”¹⁴

¹⁴ *ÍDEM*. Os conceitos elementares do materialismo histórico. São Paulo, Global Editora, 1985, p.189.

Aquela crença, enraizada por décadas no movimento comunista, e escrita nos livros didáticos de história marxistas, vem daquela visão historiográfica da história de Stalin que transformou o materialismo histórico num esquema uniformizador da história universal. As manifestações culturais dos diferentes países do mundo foram desprezadas em nome desta uniformização historiográfica. Os livros didáticos sofreram esta influência. Costumeiramente podemos, ou podíamos ver, que estes livros uniformizavam sociedades diferentes entre si graças à sua análise economicista. Praticamente todos os autores de esquerda, de Francisco de Assis Silva até Gilberto Cotrim, procederam desta maneira. Os ataques que hoje se faz àquele socialismo soviético como “não verdadeiro”, “que aquilo lá não era socialismo” nada mais são que visões totalitárias do processo por que passou aquela nação. Talvez para Stalin aquilo que ele fez fosse realmente socialismo. Cada cabeça é uma sentença. Stalin era sincero em suas crenças sobre o movimento comunista, porém, claro, como um fanático é sincero. Ele idealizou e transformou o socialismo em algo puro e sacralizado, que logo foi adotado inconscientemente por muita gente, inclusive por vários escritores e professores de história que passaram esta crença para frente. Talvez o grande erro de Stalin e sua dogmática foi transformar em uma quase religião uma “doutrina” que não se propunha a sê-lo.

A teoria na verdade foi adulterada. Os pensamentos de Marx, Engels e Lênin(radicalmente críticos e polêmicos) foram transformados num conjunto de dogmas simplificados a que se deu o nome genérico de marxismo-leninismo e foi esquematizado a ponto de poder ser expresso em fórmulas acabadas de análise. Podemos dar um exemplo disto na filosofia. Convertida a herança de Marx numa justificação do presente, os estudos sobre a sua obra tornaram-se exercícios escolásticos. O emprego de citações dos clássicos passou a substituir a pesquisa séria sobre as novas realidades. A história da filosofia foi reduzida à luta entre o materialismo e o idealismo identificados, grosseira e respectivamente, como o progresso e o atraso, a esquerda e a direita. O marxismo-leninismo foi apresentado como a negação radical de todo o passado cultural da humanidade. Por exemplo, sabe-se que Marx tinha especial admiração pelo trabalho de Hegel, considerado pelo próprio Marx como um dos maiores filósofos de todos os tempos. No entanto muitos marxistas o mostravam como um filósofo reacionário, o pai do mal-falado idealismo.¹⁵

Até no tratamento dado às religiões a falha se mostrou. Renegando completamente as crenças populares os comunistas taxaram, dogmaticamente, as religiões de “ópios do povo”. Não leram ou não analisaram as religiões como deviam. Os aspectos

¹⁵ É verdade que Marx criticou vários conceitos hegelianos de sociedade, mas, no geral, Marx tinha apreço por seu trabalho.

culturais, sociais e mesmo econômicos, que estão em seu desenvolvimento, foram renegados. As religiões não foram analisadas no contexto em que estavam inseridas nas diferentes sociedades. Elas eram vistas como obras de dominação que deveriam ser exorcizadas, senão eliminadas. As perseguições religiosas nos países comunistas foram comuns. O resultado? Os comunistas conseguiram o que nenhum movimento ecumênico conseguiu. Uniram católicos, protestantes, muçulmanos, budistas e etc..., de todas as tendências e seitas, em uma frente ampla contra o marxismo. É claro que os dirigentes capitalistas se aproveitaram disso colocando, por assim dizer, mais lenha na fogueira no enfrentamento e no antagonismo entre religiosos e marxistas. Até hoje, por exemplo, no Brasil, o PT e outros partidos de esquerda, sofrem por causa deste antagonismo. Esses partidos são taxados de perseguidores pela direita e as pessoas simples acabam acreditando e não votando em seus dirigentes e militantes. A aproximação com membros progressistas das diferentes religiões nunca ou raramente foi tentada. Na história do movimento comunista isto prevaleceu. A verdade religiosa foi renegada com furor. Os heróis religiosos foram substituídos pelos heróis marxistas, que ganharam, por incrível que possa parecer, um áurea de santidade. Os marxistas, que tanto insultavam as crenças religiosas, não perceberam que o próprio marxismo, para eles, era quase uma religião. A maneira com que muitos deles professam seu ateísmo

é quase sacral. O marxismo se tornou uma religião, mas uma religião secular. Foi considerado autêntico demais para se misturar com as religiões comuns. Sua interpretação da história tida como verossímil desprezou outras explicações, tanto a das religiões quanto a de outras filosofias. Sua visão da história também se tornaria sagrada.

O modelo soviético não foi considerado uma das vias de se chegar à sociedade comunista. Ela era a via de fato. O caminho russo para a transição socialista foi considerado o único padrão revolucionário legítimo. A experiência russa, com as suas peculiaridades, não foi colocada como uma das possíveis formas de avanço para a construção da sociedade comunista; ao contrário, ela foi absolutizada e erigida em modelo de valor universal. Com certeza esta foi, ainda hoje, para a vida do movimento comunista internacional, a mais pesada herança deixada pelo stalinismo. Quando o socialismo caiu na antiga URSS a decepção foi geral. Porque todos acreditavam que aquilo que estava lá era o marxismo autêntico. Mesmo os seus críticos se decepcionaram com a queda daquele regime. O Muro de Berlim, na verdade, desabou sobre jovens, artistas, intelectuais e políticos que ainda procuravam alternativas de sociedade não-capitalistas.

PARTE 6

O MARXISMO HOJE

Atualmente o marxismo está desconsiderado. Hoje em dia as pessoas tem vergonha de citar Marx em seus projetos; de falarem em derrubada do sistema capitalista através da revolução proletária e etc... A moda hoje é criticar Marx e o marxismo, é ser dissidente. Por que isto aconteceu mostrei anteriormente. Cabe agora, depois de feita a crítica mostrar uma solução.

A chamada história marxista sofre hoje diversas contestações. A apresentação do processo histórico como a seriação dos acontecimentos num eixo espaço-temporal europocêntrica, seguindo um processo evolutivo e seqüencial de etapas que cumpriam uma trajetória obrigatória foi denunciada como redutora da capacidade das pessoas em se sentirem sujeitos na história.

Na verdade, por incrível que possa parecer, o marxismo vive hoje seu melhor momento. Estão mortas todas as formas de socialismo ditatorial, militarizado, intolerante e dogmatizado. Então hoje ele pode se purificar. Isto pode acontecer. As obras de Marx e de Lênin são polêmicas. Elas nunca

tiveram vida boa. O materialismo histórico é uma ciência.

Uma ciência só vive de seu desenvolvimento, isto é, de seus descobrimentos. Este ponto é igualmente importante, pois podemos ser tentados a crer que possuímos no materialismo histórico, tal como o stalinismo a apresentou, uma ciência acabada. Quando Marx dizia que lei “não era marxista”, queria dizer que considerava o que havia feito como um simples começo de uma ciência, visto como um saber acabado seria um absurdo que conduziria mais cedo ou mais tarde a uma não-ciência.

A crise do bloco socialista europeu tornou evidente que as sociedades coletivistas, ao contrário de conquistar o prometido mundo de bem estar, haviam resultado em ditaduras sanguinárias e cruéis. Não o marxismo, mas o stalinismo havia demonstrado seu fracasso.

Já de muito antes vários pensadores já haviam alertado tanto Marx quanto os marxistas das falhas políticas do comunismo de Estado. Um exemplo claro a discussão entre os anarquistas e Marx ocorrida na 1ª Internacional. Bakunin, o principal teórico do anarquismo na época, argumentou com Marx de que a revolução socialista pregada em seus moldes não daria certo, pois criaria uma nova elite dona do poder do Estado que oprimiria os trabalhadores onde o regime socialista fosse implantado. Profetizaram, portanto, o fracasso do comunismo de Estado antes mesmo de qualquer um deles nascer.

As idéias de Bakunin, de que alguns líderes socialistas se transformariam em uma nova elite poderosa que exploraria os trabalhadores, foram comprovadas na prática quando os regimes socialistas do leste europeu, em 1989, começaram a desmoronar mostrando ao mundo os excessos e privilégios das classes dirigentes destes países. Como solução a isso os anarquistas apregoaram o fim imediato do Estado e a extinção de qualquer forma de governo centralizado e burocratizado.

No entanto, apesar de atualmente o marxismo e sua interpretação da sociedade e da história serem atacados o mesmo se incorporou sobremaneira à mente da maioria dos historiadores. Conforme bem observou Febvre:

“ Pois é evidente que na atualidade um historiador, por pouco preparado que seja (...), está inevitavelmente impregnado do modo marxista de pensar, de comparar os fatos e os exemplos; e isto ocorre ainda que nunca tenha lido uma linha de Marx, mesmo que se considere um fervoroso anti-marxista em todos os sentidos, salvo no científico. Muitas idéias que Marx expressou com maestria penetraram, há muito, no fundo comum que constitui o caudal intelectual de nossa geração.”¹⁶

¹⁶ FEBVRE, História, São Paulo, Editora Atica, 1985.

Não existe hoje em dia alternativa séria ao socialismo, socialismo aqui entendido a teoria social de Marx. Talvez no estudo da história haja. Depois da queda da história teológica no século XIX só poderia surgir depois um tipo básico de concepção historiográfica: aquela que buscasse, ou tentasse buscar, algum rigor na investigação da verdade histórica, como o positivismo e o marxismo tentaram, por exemplo. Na antiguidade, por exemplo, a menção à diferenciação social, isto é, a uma ordenação hierárquica da sociedade foi mostrada. Textos como o Antigo Testamento referem-se a fenômenos como “pobres e ricos”, “escravidão e injustiça” e etc. Porém, apenas no pensamento racionalista dos séculos XVIII e, principalmente do XIX, foi sistematizado o conhecimento de tal hierarquização social, mediante o conceito de classe social.

O positivismo, assim como o marxismo-leninismo, reduz a capacidade das pessoas de agirem e de se sentirem sujeitos históricos na medida em que os heróis são mostrados quase como “deuses” e que só eles é que agem no mundo, tendo as massas apenas como meros coadjuvantes no processo histórico. A análise e a própria sociedade são tratados de maneira diferente no positivismo e no materialismo histórico que tem, este último, o mérito de mostrar as desigualdades na humanidade. Ela é crítica, embora, como disse antes, possa levar a uma

visão de história muito totalizante.

A História Nova foi uma nova tentativa de análise, mas ela promove a abordagem da história da humanidade de forma fragmentada e a partir de critérios a-locais e a-históricos, cuja única realidade palpável são as práticas discursivas, que são verdadeiras em virtude dos critérios de verdade adotados pela sociedade. No entanto ela é mais completa que o materialismo histórico, na medida em que a cultura e as mentalidade ganham nela um papel menos secundário que o que foi dado na dialética marxista. Muitos afirmam que na História Nova a luta de classes não é tratada. Na verdade isto é falso. O que ela faz é não dar um sentido a uma coisa que não tem sentido. As filosofias da história são na verdade as principais inimigas da história, pois a transformam em algo metafísico que se move por si mesma. A História Nova rompe em grande parte com isto. Não digo que ela é melhor em sua análise da história que o materialismo histórico, mas com certeza sua abrangência é mais ampla. Tanto Febvre quanto Bloch lutaram pela criação de uma história total, quer dizer, por uma história centrada na atividade humana, na vida dos grupos e das sociedades. Esboçaram, essencialmente, um tipo de história que não caísse na tentação positivista do estudo exclusivo de um ramo da sociedade(no caso do positivismo só o estudo do político é que interessava) ou na pretensão da filosofia da história de querer dar um sentido no caminho da humanidade.

Um dos grandes feitos da História Nova foi ressaltar sua incansável curiosidade, sua abertura às demais ciências humanas. A História Nova não tem exclusividades ao estudar a história. Febvre sintetiza:

“Aqui falo como prático da história. Especialista ou sintetizador? Ambos ao mesmo tempo, porque é preciso ser as duas coisas. Generalizar no concreto, sem se preocupar com abstrações feitas em série, este é o máximo pico a ser atingido pelo historiador, o mais alto e o mais difícil.”¹⁷

O que o marxismo hoje deveria fazer é abandonar a idéia de que a história evolui e de que a sociedade caminha, evolutivamente, ao socialismo, ao progresso. O sentido para a história não existe. Nada prova que a humanidade caminha para o socialismo ou para o progresso. Ela pode inclusive retroagir, e o futuro pode ser a barbárie. Quem sabe?

Contradição ou não as filosofias da história dão uma espécie de emoção ao estudo da história. A história, sem um sentido, se torna narrativa e, diria até, sem graça. Com certeza a ciência humana que mais saiu prejudicada com o fim do socialismo soviético foi a própria história. No início do século

¹⁷ Febvre, L. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro. Graal Editora, 1977, p.453.

XX grande parte dos estudiosos acreditavam que a história marchava segundo linhas rígidas e que seus países também assim procediam. As tradições eram valorizadas e o futuro era planejado. Hoje em dia esta crença está acabando. As pessoas vivem o presente. Não crêem mais em partidos ou utopias. Além do mais, com o fim do socialismo soviético, vivemos hoje em um clima amargo de fim da história.

O materialismo histórico deve hoje se purificar do dogmatismo a que foi submetido. Assim fazendo o marxismo poderá ser renovado. Nele o fato, o sujeito e o tempo histórico são tratados de maneira crítica, embora, claro, ainda possua em sua análise resquícios de evolucionismo, que pode agora ser abandonado. Mesmo que isto implique em descaracterizá-lo. Tanto o marxismo quanto a escola dos Annales são partidários da colaboração da história com outras ciências humanas, embora o marxismo pregue com maior ferocidade a unidade de todas elas.

CONCLUSÃO

Uma das características do marxismo, é o grande número de tendências, de linhas de interpretação às vezes profundamente divergentes. As diferentes tendências dentro do marxismo contribuíram eficazmente para o progresso da teoria marxista, embora, claro, nem todas as tendências sejam fecundas no curso de debates cada vez mais amplos sobre os conceitos básicos do pensamento marxiano. O conceito marxista foi transformado em verdade única por Stalin e também por outros marxistas que, donos de determinada interpretação, quiseram impô-la como verdade a outros.

Assim com o positivismo as verdades do stalinismo pertencem ao passado, cientificamente falando, mesmo que às vezes sobrevivam em certos ambientes devido à falta de informação.

A tarefa de estudarmos a história marxista, a partir dos progressos recentemente conseguidos com o fim do stalinismo e considerando a evolução da história em seu conjunto, sem dúvida desperta interesse. Porém se nos fixarmos nas tentativas até hoje feitas de melhor se analisar a história e, conseqüentemente, a sociedade, veremos que até o momento avançou-se muito nesta pauta.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Francisco. *História da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, R.J ao livro técnico S.A., 1981.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. São Paulo, S.P., Editora Brasiliense, 1982.

CARMO, Sônia Irene do. *História Geral. Volume 2*. São Paulo, S.P. Atual Editora, 1989.

DRAY, William. *Filosofia da História*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1977.

ENGELS, Friedrich. *Política*, José Paulo Netto(org.). São Paulo, Ática, 1981

FEBVRE, Lucien. *História*. São Paulo, Ática, 1985.

GOFF, Jacques Le. *Reflexões sobre a História*. São Paulo, S.P., Livraria Martins Gomes, 1982.

HOBBSBAWN, Éric J. *História do marxismo*. Rio de Janeiro, R.J. Paz e Terra, 1987.

LÊNIN, Vladimir. *Política*. Florestan Fernandes(org.). São Paulo, Ática, 1978.

LOWY, Michael. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro, R.J. Paz e Terra, 1978.

MARX, K. ENGELS, F. *História*. Florestan Fernandes (org.). São Paulo, S.P., Ática, 1983.

MARX, Karl. *Introdução à crítica da Economia Política*. São Paulo, Global Editora, 1979.

MARX, Karl. *O Capital. Volume I*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

NASCIMENTO, Luís M. Rodrigues do. "A produção do conhecimento histórico no livro didático" In: *História e Utopias*, São Paulo, S.P., ANPUH, 1996, págs. 480-6.

NETTO, José Paulo. *O que é Marxismo*. São Paulo, S.P., Editora Brasiliense, 1985.

QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de Clássicos: Durkeim, Marx e Weber*. Belo Horizonte, M.G. Editora UFMG, 1996.

SILVA, Francisco de Assis. *História Geral. Volume I*. São Paulo, S.P., Editora Moderna, 1991.

SILVA, Francisco de Assis. *História Geral. Volume II*. São Paulo, S.P. Editora Moderna, 1991.

STALIN, Josef. "Sobre el materialismo histórico y el materialismo dialéctico", In: *Cuestiones del Leninismo*, Moscou, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1946.